

BLOCO N.º 48

DISCIPLINA: EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - TEATRO

ANO(S)

2.º 3.º  
Ciclo

APRENDIZAGENS ESSENCIAIS

- **Apropriação e Reflexão**

Reconhecer diferentes formas de um ator usar a voz (altura, ritmo, intensidade) e o corpo (postura, gestos, expressões faciais) para caracterizar personagens e ambiências.

- **Interpretação e Comunicação**

Distinguir, pela experimentação e pela reflexão, jogo dramático, improvisação e representação.

Reconhecer, em produções próprias ou de outrem, as especificidades formais do texto dramático convencional: estrutura – monólogo ou diálogo; segmentação – cenas, atos, quadros, etc.; componentes textuais – falas e didascálias.

- **Experimentação e Criação**

Explorar as possibilidades motoras e expressivas do corpo em diferentes atividades (de movimento livre ou orientado, criação de personagens, etc.).

## Título/Tema do Bloco

# O Caminho do ator: Do texto à representação

### Tarefas/ Atividades/ Desafios

1. Decorar o texto utilizando as ferramentas apreendidas no bloco. Encontra o texto em baixo neste enunciado.

2. Lê o texto fazendo de conta que és a tua personagem explorando diferentes cenários. (Ex: como um discurso/como uma descoberta científica/como uma carta de amor/etc.)

Extrai dessas tentativas o que podes usar em cada momento do texto. Assim, que passagem achas que poderia ser uma descoberta científica? Ou uma carta de amor? Ou ainda outra qualquer que encontres e que para ti faça sentido.

Depois de decorado o texto ensaia a cena, regista as marcações, os movimentos, pensa no cenário, no guarda-roupa, na banda sonora, na iluminação. Ensaia tudo, duas a três vezes por semana, até estar um espetáculo e depois voltamos a falar.

3. Faz um relaxamento em que durante alguns minutos e explorando a tranquilidade da respiração revês todas as novas descobertas. Respira, relaxa e no final regista tudo o que descobriste nos momentos que dedicaste a este trabalho.

Excerto do Texto "A infinda apetência da luz do sol"  
Autor: Eduardo Molina

Normalmente dói-me aqui.  
Mudo de faixa, um cruzamento e um semáforo.  
Corro.  
A palma a suar, a dor de burro a esticar-se devagarinho  
a alastrar-se aos poucos na minha corrida  
a camisola outra vez alagada em frente ao café com luzes  
e ao carro a dar passagem na passadeira do cruzamento.  
E lembro-me  
que não consigo explicar  
mas às vezes a correr reparo num poste de luz, no café  
Apolo, no avião a passar, na dor de burro a esticar-se  
e apercebo-me que já passei ali naquele sítio  
e corro sempre na mesma direcção mas quando dou por  
mim  
estou ali de novo, no cruzamento.

Atravesso e por mais que pense não consigo perceber  
como é que fui parar ali se acabei de lá passar a correr  
na mesma direcção sempre sem estradas secundárias ou  
sequer encontrar uma curva.  
Como é que ali, na passadeira do cruzamento, está  
sempre um carro que me dá passagem?  
E como é que eu estou a sair de lá enquanto o encaro de frente?

*(Agradece passagem)* Obrigado.  
*(Para o público)* Um Ford.

Continuo a correr e tenho a ponte, a linha do comboio e o  
camião a lembrarem-me que eu é que produzo o caminho à  
medida que avanço  
que sou eu que construo os passeios e os muros grafitados,  
passo as trinchas com tinta nas passadeiras, disponho as  
mesas nas esplanadas e deito para o chão o lixo que se vê na  
rua.  
Sou eu que monto tudo sem controlo das peças que pego  
porque são as mesmas  
pego sempre nas mesmas e repito-me ao ouvido amanhã  
e o dia seguinte  
que desconheço porque estou a passar naqueles sítios  
que não sei porque acontece  
quando no fundo  
ou talvez no não-tão-fundo assim  
sei de cor a razão pela qual não deixo de ir parar àquele  
cruzamento, àquele café, àquele largo que ainda não vi  
hoje.  
Estes lugares aparecem todos os dias no meu itinerário e  
entrosam-se.

Unidos por todos os que alimentam periodicamente os  
mesmos vícios.

Por mim mesmo. Por vós também.

Estes lugares são as ruas, os sítios onde me fui desfazendo.  
As calçadas que são as minhas dependências, os degraus  
em que esperei em vão, as portas onde fiquei a olhar para  
trás. Os escombros do tempo.

Os círculos que vou vincando com o compasso  
repetidamente para lá da folha para lá da mesa  
para lá de mim já.

Este é o cruzamento onde me despedi do meu primeiro  
amor. Foi aqui que ela chorou.

Aquele é o passeio onde o meu pai me abraçou pela última  
vez. O azul das janelas é o azul da camisola que eu trazia.  
São estas as paredes, os chãos, que viram as minhas angústias  
passar, esticaram mão e as agarraram, deixando-me ali todas  
as tardes para ver o sol se pôr.

Há sempre uma parte de mim que fica ali, sem partir  
comigo e me obriga a ir e a ficar ao mesmo tempo em  
todos os lugares, todas as fachadas,  
todas as janelas gradeadas que assistem ao tombar da pedra  
no último centímetro da encosta.